

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 20 de janeiro de 2016**

Texto de referência: Giussani, Luigi. Reconhecer Cristo. In: Carrón, Julián. *Uma presença no olhar* (suplemento de *Passos-Litterae Communionis*, maio/2015), pp. 75-88.

- Lágrima
- Favola

Glória

Carrón: Estamos diante da última parte da palestra *Reconhecer Cristo*, de Dom Giussani, e com isso terminaremos o nosso trabalho sobre os *Exercícios da Fraternidade*. Para fazer isso, começamos com uma pergunta que me foi antecipada por e-mail.

Colocação: *Obrigado por ter levado a sério a minha pergunta. Sou um estudante de Medicina, e queria lhe contar que, há alguns meses, quando os meus amigos perguntam “Como está?”, eu não sei mais exatamente como responder, ou seja, não posso mentir e dizer que está tudo bem, porque não é assim. Dou-me conta de desejar, cada dia, uma felicidade plena, e a desejo tanto que não posso mais negar ser assim, porém isso...*

Carrón: Menos mal, porque, de outra forma, o faria! Mas, o seu ser, a sua natureza que lhe é dada, não lhe permite não estar tendido a esta felicidade.

Colocação: *Sim. Por outro lado, me vejo encostado na parede, no sentido de que, quando não é assim, obviamente você se sente mal e se diz: “Então, por que existiram aqueles instantes de felicidade, pelos quais posso dizer que dá para desejar ser feliz, e que não é alguma coisa falsa este desejo?”. E eu não sei bem como estar...*

Carrón: Por que não é falso? Qual é a experiência que você fez?

Colocação: *Para mim, não é falso por causa daquilo que vivi.*

Carrón: Exatamente. Porque, de outra forma, nem ao menos teria vivido estes instantes. A questão é como estes instantes se multiplicam.

Colocação: *Exato. Como posso desejar, pedir que seja sempre assim, ou seja, viver uma felicidade plena sempre?*

Carrón: Vamos deixar esta pergunta em aberto.

Colocação: *Oi.*

Carrón: Oi. Você também quer ser feliz?

Colocação: *Sim.*

Carrón: O que você faz?

Colocação: *Estudo Letras. No ano passado, na peregrinação Macerata-Loreto, você dizia estas palavras: “Cristo é uma presença tão presente que enche de letícia, consentindo viver em qualquer situação”; e dizia também, citando São Paulo: “Basta-te minha graça, porque é na fraqueza que se revela totalmente a minha força. (...) Por isso, me comprazo nas minhas fraquezas, nos insultos, nas dificuldades, nas perseguições, nas angústias sofridas por Cristo: com efeito, quando sou fraco, é então que sou forte” (cf. 2Cor 12, 9-10). E você comentava: “Somos pequenos, conscientes dos nossos limites, das nossas traições cotidianas e da fragilidade de todas as nossas tentativas; mas, mais do que tudo, somos certos de que o Pai nos escolheu assim como somos para que seja ainda mais evidente que a força é somente Sua”. Peço que me explique como é possível esta experiência e como é possível que dure. Quando voltei à universidade depois do verão, estava cheia de vida, uma intensidade. O verão foi espetacular, os primeiros meses de universidade cheios de plenitude, um contínuo altos-e-baixos entre mim e Deus, uma coisa entusiasmante, comovente. É muito difícil para mim dizer “Deus”, “Jesus Cristo”, muitas vezes fico nos genéricos “Mistério”, “aquilo que nos une”, “aquilo”. De forma que me lembro de dizer “Jesus Cristo”, e se o dizia era porque era Ele, não era outra coisa. Depois, perto do Natal, acabaram as aulas e, a certo ponto, esta letícia e este relacionamento, que era*

tudo, meio que se fossilizaram, de forma que era como se eu fosse adiante por inércia e os gestos eram apenas gestos, não levavam a nada de outro, não eram mais relacionamento, eram coisas bonitas, ponto, ou coisas importantes... Não sei como dizer: coisas! A certo ponto, chegaram o tédio e, depois, a solidão. E me impressiona que Dom Giussani defina a solidão não como a falta de pessoas, mas como a falta de sentido; eu não estava mais sozinha porque tinha menos gente, mas porque tudo era casual. E fazer a Escola de Comunidade não era difícil, porque nem me vinha em mente isso! Não me servia nada rezar: difícil, quase doloroso. E não sabia mais como buscar Jesus. Mesmo porque não penso em dizer que existe se não O estou vendo, cutucá-Lo porque “tanto é Ele que faz tudo”. Não via marcas do divino nos meus dias, eu estava sozinha fazendo um monte de coisas. Até mesmo a felicidade e a certeza dos outros permaneciam sendo desejáveis, mas me pareciam inalcançáveis quando eu, semanas antes, era a primeira a viver assim e a me sentir explodir dessa mesma alegria. Sentia-me abandonada, porque, antes, me parecia que não custasse esforço algum entrar nos dias assim, eu estava contente por existir; mas, depois, o tédio e o desgosto assumiram o controle, e tudo se tornou de mentira e achatado. E eu sentia vontade de dizer que, antes, sair de casa era como ir encontrar um amigo – a cama continua sendo boa, a casa continua sendo boa, porém, se você vai encontrar um amigo, não pensa nessas coisas –, enquanto que, a um certo ponto, não conseguia mais sair da cama, como se não existisse mais um amigo me esperando.

Carrón: Nenhuma razão para se levantar.

Colocação: *Exatamente. E, depois, a minha primeira reação, regularmente, foi dizer que eu não valho, que é um limite meu, que é um erro meu, que não sou mais capaz de ver Jesus. Vivía os meus dias na ponta dos pés, tentando fazer o menor número de coisas erradas possível, de não encher o saco dos outros. Eu não estava livre, tudo me enchia e, em primeiro lugar, eu me enchia de mim mesma. E se me acontecia algo de feio, ou alguém me tratava mal, era a prova de que eu estou errada. Era difícil até mesmo dizer isso, porque meus limites me envergonham. Só que, depois, aconteceu uma coisa, e nesse dia eu lhe escrevi. Voltamos para a universidade e aconteceu a primeira Escola de Comunidade da minha faculdade. Impressionante: todos aqueles que falaram, falaram de mim, eu poderia ter feito aquilo, eu poderia ter estado uma hora falando, era sobre o meu inverno que eles estavam falando. Todas as pessoas que, possivelmente, eu considero que estejam mais à frente do que eu; e, pelo contrário, não estavam mais à frente, eram como eu; não eram melhores, falavam dos mesmos erros que eu cometera, das mesmas dificuldades que eu tinha. Sobretudo, não sentia mais vontade de dizer que os outros eram mais ou menos à frente; essa categoria mental se apagou para mim enquanto eu estava ali. Uma grandíssima libertação! Que graça! Se eu não tenho a coragem de falar, porque me envergonho de ser difícil para mim, tem alguém que se quer mais bem do que eu e desce para fazer as minhas mesmas perguntas! Por isso, nem mesmo me passava na cabeça o problema “mais à frente”, “mais atrás”, “mais ou menos defeitos”. Eu estava ali, porque ali tinha algo de mais belo e verdadeiro do que todas as minhas mudanças de humor, que me atormentavam desde quando as aulas haviam terminado. E me dei conta de que, não obstante a minha apatia e a minha dor (sobre mim e sobre tudo), eu não pensei uma vez sequer em ir embora da Igreja, e da Igreja tal como a vivo, isto é, do Movimento na universidade com os meus amigos, porque eu não saberia para onde ir. Eu não via a hora de ir à Escola de Comunidade. Estava segura de ter razão em dizer que eu, por baixo de tudo, não valia nada, porém não via a hora de ir até lá. Assim, talvez eu não estivesse tão segura assim. Você, da outra vez, dizia que, mesmo que uma pessoa em mil ações erra novecentos e noventa e nove... e eu pensava: sou eu, que cometi um erro depois do outro, porque se sou eu que devo fazer...*

Carrón: Era para você que eu havia dito!

Colocação: Obrigada.

Carrón: “*Ante praevisa merita*”: em previsão daquilo que deveria acontecer.

Colocação: *E quando eu li isso fiquei comovida, porque eu encontrei Jesus e sinto muito a Sua falta. E sinto falta também da saudade d’Ele, às vezes. Quando estou apática gostaria de dizer “onde está o meu desejo”. Porque, senão, eu não me movo e sufoco nos meus mil pensamentos. E a minha oração, naquele momento, foi: “Sinto Sua falta, quando voltarás?”. Não: “Faz-me mudar?”. Entendi, sobretudo, que a memória d’Ele, ou seja, de como Ele interveio na minha vida e como Ele continua a intervir, é a minha salvação, porque não me permite negar tudo, porque não posso fingir que não O*

tenha encontrado. Porém, peço-lhe uma ajuda, porque no momento seguinte eu já estava logo empenhada em me tornar invisível, em fingir ser um pouco melhor, e me sinto esquizofrênica e bloqueada. Quero entender o que é este trabalho pelo qual a pessoa pode amar a sua vida e não ter nojo de si mesma. Porque isso já aconteceu, porém quero que se torne uma posição minha. E, depois, outra coisa. Quando lhe escrevi, chamei meu namorado, que me perguntou “Como está?”; e eu: “Muito mal. Pensa, até escrevi para o Carrón!”.

Carrón: Para lhe dar a extrema unção!

Colocação: *E ele, pelo contrário: “Ah! Então, você está bem!”. “Não. Quer dizer que tenho problemas e, portanto, estou rodando por aí, pedindo, porque estou mal” “Não. Eu, quando estou mal, fico parado e não faço perguntas. Quando estou bem, pergunto tudo”. Quería entender isto.*

Carrón: O que aprendeu com esta experiência? Porque disse tantas coisas, a questão é se você se dá conta daquilo que disse.

Colocação: *Você está me perguntando por que eu estava fossilizada?*

Carrón: Sim. Primeiro: porque você estava fossilizada ao ponto de que as coisas não lhe falavam mais?

Colocação: *Tudo havia se tornado uma forma.*

Carrón: Havia se tornado uma forma. Você usou uma fórmula muito bela: “Os gestos eram apenas gestos, não levavam a alguém, não eram mais relacionamento. Não via marcas do divino nos meus dias”. O que quer dizer? O que estava perdendo?

Colocação: *Nada mais estava unido.*

Carrón: Nada mais estava unido. Mas, a primeira questão da qual é preciso se dar conta é que o seu relacionamento com a realidade havia se reduzido. Não é que antes Ele existe e, depois, desaparece. É que eu não consigo mais ler a realidade em relação com o Mistério que a faz, a realidade não me fala deste divino presente nos dias. Mas, por que o Mistério, segundo você, permite essas passagens? O que quer que você aprenda (como viu depois)?

Colocação: *Para mim, não quer que seja algo sentimental.*

Carrón: Não quer que seja algo sentimental. Porque – como disse o seu namorado –, quando você tem a consciência da sua necessidade... O que aconteceu quando você foi à Escola de Comunidade com toda a sua necessidade?

Colocação: *Escutei.*

Carrón: Escutou. E tudo lhe falou. Apesar da imagem que você tivesse de si mesma, apesar de você ter repetido para si mesma, por dias, que não valia nada, que era um nojo, exatamente esta foi a ferida, a fresta, através da qual Cristo entrou; e tudo lhe falou com uma potência espantosa, tanto é verdade que você não conseguiu esquecer até ao ponto de escrever: “Não via a hora de ir até ali”. Se o Mistério não nos poupa isto é porque a verdadeira questão do caminho não é que aconteça um milagre pelo qual, a um certo momento, tudo se torna automaticamente entusiasmante, mas que o seu relacionamento com a realidade seja de tal forma educado a ponto de ver as coisas como são, como toda a sua densidade, com todo o divino dentro. Porque se você não o vê presente, a um certo ponto, dependerá apenas das suas emoções, e isto, depois, a sufocará. Dissemos na última Escola de Comunidade que, em mil ações, você errou novecentos e noventa e nove, você é amada. Mas, você não poderia nem mesmo ter sonhado em se comover diante deste fato, a não ser por força daquela experiência que fez, que é a documentação daquilo que diz São Paulo: “Quando sou fraco, é então que sou forte”. “Basta-te minha graça, porque é na fraqueza que se revela totalmente a minha força”: a questão é se nós, a partir disso, fazemos um caminho. De outra forma – como você disse –, no momento seguinte estará no início outra vez, como se não tivesse aprendido nada com a experiência cristã. Este é o percurso ao qual o Mistério nos convida, não porque queira que nos cansemos mais, mas porque Ele está sempre presente, a realidade é sempre plena da Sua presença e você está sempre plena da Sua presença, apesar de todos os erros. Mas, deve se introduzir na realidade de tudo aquilo que toca e de você mesma com um olhar não reduzido, sem depender do sentimento que tem, porque não é que o Mistério interrompa o relacionamento com você; se o interrompesse, você não existiria mais, desapareceria. Este é o caminho que Deus nos convida a fazer para que tudo se torne entusiasmante. Esta é a partida a ser jogada. Obrigado.

Colocação: Na última Escola de Comunidade, me senti profundamente descrita, e isto me despertou um grande desejo de lhe agradecer pela paternidade com a qual me ajuda no caminho. Por algum tempo, tive a graça de ir à Missa todas as manhãs e tinha também um pouco de tempo livre durante o dia, no qual podia ler a Escola de Comunidade, os textos. E isto me ajudava muito a dialogar com o Mistério dentro da dramaticidade e da precariedade da minha vida. Depois, chegou um período rigoroso de trabalho e não tinha tempo de fazer outra coisa além de me ocupar do trabalho e dos filhos. Então, comecei a pedir: “Jesus, é preciso que eu Te veja nas coisas que devo fazer, vem, Tu, porque não existe outra maneira”. E Ele me respondeu. Não me deixa. Entro no carro no meio das contrariedades; como um relâmpago entendo que algo não está bem. Estou para ir pegar o filho mais velho na escola e já penso que vai me fazer raiva e que será uma tarde cansativa e, talvez, triste. Naquele momento, sinto o Seu olhar sobre mim e entendo que já estou jogando fora a possibilidade de bem para mim que Ele coloca nas coisas. Naquele instante, se joga a minha liberdade e, ali, respondo: “Caramba! Já estava por jogar tudo fora, mas não quero, Te ofereço este meu medo e este cansaço, vem, Tu, e me ensina a amar os meus filhos, faz-me manter os olhos abertos para ver o que acontecerá de bom”. Ou então, começo a trabalhar e sinto um incômodo, uma inconsistência: “O que o meu trabalho pode trazer de bom para o mundo? Como posso dar uma contribuição positiva estando aqui, diante do meu computador, sozinha nesta sala?”. E se torna pedido a Ele, oferta deste sacrifício. Sinto-me libertada pelo Seu olhar. O trabalho se torna um recipiente cheio de gosto, dentro do qual é possível colocar toda a minha criatividade e a minha paixão (no sentido de amor). Possivelmente, ninguém lerá o meu relatório, mas aquele meu trabalho é uma expressão com a qual a minha pessoa dá glória a Ele pelos talentos que me deu e é expressão da minha gratidão a Ele. E assim poderia contar aos outros episódios de cada dia meu, no qual acontece de eu levar a sério mesmo um sentimento do meu coração, da minha pessoa, da minha humanidade. Maravilha-me que Jesus use este sentimento como um trampolim para me fazer reencontrar o relacionamento com Ele. E naquele momento devo decidir se me deixo abraçar por Ele outra vez. Esta é a experiência da Sua misericórdia na minha vida: todas as vezes que a Sua graça, durante a cotidianidade dos meus dias, me dá a possibilidade de me dar conta outra vez da Sua presença e da Sua ternura. Somente sob a pressão desta ternura é que vejo que, às vezes, algo muda em mim, nasce uma comoção, uma gratidão que não consigo segurar. Não obstante o meu passado marcado pelo dever-ser, pelo dever-fazer, um pouco moralista, é sempre mais evidente que o meu esforço não tem proveito algum para mim. Nunca, como nestes últimos tempos, ficou de tal forma clara para mim a diferença entre o fazer um trabalho e o me esforçar por algo (mesmo um trabalho). Por exemplo, num fim de semana continuava pensando nas coisas bonitas que me havia acontecido nos dias anteriores, e me descobri incapaz de bem com respeito às coisas mais queridas que tinha e, então, me perguntava: “Onde está a minha fé, se não sou capaz de fazer o bem?”. Depois, na segunda-feira, meus olhos se abriram e vi que tinha pensado ter me tornado melhor, mais capaz, e, pelo contrário, tudo se joga no instante, naquele instante. E eu não tinha cedido àquele instante que não me agradava. E esta experiência julgada me fez colocar no foco outra vez que o trabalho não é um sentido de dever levado ao extremo, que traz aflição e, depois, para na inevitável desilusão do não conseguir fazer ou ser; para mim, o trabalho se tornou uma fidelidade ao coração, um buscar um caminho. E Deus Se faz sempre encontrar. Vejo que tudo se joga naquele instante no qual eu me dou conta, por um instante, do Seu olhar e devo decidir se digo-Lhe outra vez “Sim, sabes que Te amo”.

Carrón: Este é o trabalho, como você nos documentou nos mínimos detalhes. Dom Giussani o dizia: uma contínua iniciativa nossa no relacionamento com as coisas, com aquilo que devo fazer, onde se joga constantemente a minha razão, para que eu veja nas coisas o Tu ao qual respondo, para que a minha liberdade responda a esta forma de chamado que o Mistério me faz através das coisas. Mas, isto não é algo que acontece apenas no início: a questão é que se torne sempre mais familiar este diálogo, para que tudo se torne um relacionamento com Ele. Você acabou de dizer: “Devo decidir”. Não há mecanicismo nesse relacionamento. Tudo sempre se joga no instante. Portanto, o fazer não é um moralismo, mas é viver constantemente neste relacionamento onde tudo se joga. Um caminho, para ser preciso.

Colocação: *Conto-lhe uma coisinha com a qual aprendi muito. Uma noite da semana passada, uma amiga de minha irmã, que eu só conhecia de vista, veio jantar em casa. Naquele dia, eu estava muito triste, presa e agarrada nos meus pensamentos por causa de uma prova que eu tinha que fazer, e eu não tinha desejo algum de participar daquele jantar. Começamos a comer e essa moça começa a falar de si, simplesmente, e começa a rir também com os meus pais. A primeira coisa que notei foi que, de repente, eu estava de volta, não na minha cabeça, não nos meus pensamentos, eu estava de volta à realidade, na janta. Notei isto porque eu havia feito de tudo, durante o dia, para me concentrar, para aplacar meus medos, para mudar de posição, e não havia conseguido. A primeira pergunta que me surgiu foi: quem tem o poder e tanta piedade assim para me trazer de volta para o presente, para me fazer voltar a ser presente às coisas? Porque isto é um milagre. Depois do jantar, tinha que retomar o estudo e todas as preocupações retornaram, mas aquela moça, a um certo ponto do jantar, tinha contado algo que me havia tocado, de um diálogo com um amigo seu. Eu estava muito indecisa se lhe pediria que explicasse melhor, que me contasse, porque eu não a conhecia, porque sou muito tímida, e porque não queria ser muito invasiva, mas, a um certo ponto, entendi que aquilo que me havia tocado constituía a alternativa entre continuar com os meus pensamentos ou então seguir a única coisa que eu tinha, algo que me havia tocado. Tomei coragem e lhe perguntei. Nasceu um diálogo belíssimo e essencial, sem relatar os detalhes da vida, mas chegando ao coração das coisas com uma franqueza e uma sinceridade de que há muito eu sentia falta. Um daqueles diálogos no qual o outro, sem que o conheça e saiba algo de você, diz exatamente as palavras de que tem necessidade, um daqueles fatos que correspondem exatamente, precisamente à sua espera, o enésimo fato que me demonstra que existe Alguém que me salva, me tira do nada dos meus pensamentos e não me deixa sozinha com eles. Do ponto de vista de método, entendi duas coisas fundamentais, que você nos recorda frequentemente. A primeira é que tudo aquilo de que preciso para viver, para ser contente, está na realidade, mas a realidade seguida. Quando, depois de um jantar, eu estava triste de novo, tinha uma alternativa: os meus pensamentos, de um lado, ou então, um fato, algo que me havia tocado, de outro lado. Esta escolha é o momento onde tudo se joga, e tive que decidir o que eu seguiria. O problema da felicidade é um problema de seriedade e de liberdade. A maior parte das vezes, por tantos motivos, eu escolho os pensamentos. A segunda é a importância da atenção a si e do juízo. Você nos disse que cada um deve parar e olhar, deve notar as coisas que nascem em si, as perguntas, as mudanças, a alegria e a tristeza. Eu, durante o jantar, me dei conta de que, de repente, não era mais prisioneira dos meus pensamentos. Perguntei-me o que teria acontecido, o que teria mudado, o que teria por trás daquela minha mudança. A pessoa deve se olhar quando muda, porque muda e deve julgar. Este é o único modo com o qual as coisas permanecem, não escorregam como água entre as mãos, tanto que agora, uma semana depois desses fatos, não os percebo como uma vaga recordação do passado, mas como elementos constitutivos da minha pessoa, como se tivesse colocado um tijolo de mim mesma. Comovo-me como um fato simples assim possa me educar e me ensinar tanto. Na realidade está tudo e me dou cada vez mais conta de que preciso me deixar educar. A outra coisa da qual me dou conta é a importância que a Escola de Comunidade tem: estes fatos que lhe contei teriam acontecido do mesmo modo, mas não os teria visto ou, quem sabe, os teria visto menos claramente. Dou-me conta de que é uma lente que me permite olhar sempre mais com verdade e profundidade aquilo que me acontece.*

Carrón: Tudo se joga no nosso modo de nos relacionarmos com a realidade, porque através da coisa mais imprevista, quando eu estou fora da realidade, “de repente, eu estou de volta”; descubro-me vivo através da presença de uma pessoa que vem jantar inesperadamente. Uma presença que – você disse – tem o poder e a piedade de me trazer de volta para o presente. Alguém que me salva e me tira do nada. Isto acontece. Não é preciso visões quando a pessoa se deixa “dominar” pela realidade. Podemos ver que, na realidade, tem tudo aquilo de que temos necessidade; tudo aquilo de que tem necessidade para viver e para estar contente está na realidade, mas a realidade seguida; não sofrida, seguida. Cada um pode decidir se segue ou não. O problema não é seguir não-sei-o-quê. O que seguir? Seguir a modalidade com a qual o Mistério nos chama – a vida como vocação –, através das circunstâncias do viver (como, insisto, algo totalmente imprevisto, que a pessoa pode descartar previamente porque não espera nada dela). Quantas coisas acontecem na vida, todos os dias, e que nós descartaríamos porque não esperamos nada delas! Pelo contrário, somente sendo disponíveis a seguir podemos nos dar conta de como Alguém, através da realidade, me tira do nada. E isto permite que tudo se torne outra coisa.

Ao invés de permanecer prisioneira dos seus pensamentos, começa a estar no real, e tudo aquilo de que tem necessidade é ser educada a isto. O Mistério nos educa através da realidade, na companhia que nos fazemos continuamente.

Colocação: *Eu gostaria de lhe fazer uma pergunta sobre a última parte de Reconhecer Cristo, ou seja, sobre o trabalho como obediência. De um lado, me dou conta de que estou restrito a pensar o viver o trabalho apenas pelo salário no fim do mês e como reconhecimento daquilo que posso ou não fazer. Porém, que o trabalho se torne obediência na vida, isto me maravilha, me enche de curiosidade e me fascina, porque percebo que é uma posição que me poderia dar uma extrema liberdade quanto às circunstâncias de trabalho. De outro lado, não entendo isto até o fundo, e gostaria de aprofundar mais esta afirmação que Dom Giussani faz, porque não me parece que seja algo colocado ali entre as tantas outras coisas, e porque fala efetivamente do trabalho que eu tenho entre as mãos todos os dias por oito ou dez horas ao dia, que me determina não pouco.*

Carrón: Obrigado. Começo a introduzir uma resposta. Para mim, o que é preciso esclarecer é, sobretudo, a palavra “obediência” no seu relacionamento com o trabalho. Porque tantas vezes nós a podemos reduzir simplesmente a fazer bem o nosso trabalho. O que, evidentemente, é uma parte da questão. Mas, a pessoa pode ser, digamos, empenhada com o trabalho (como se tudo dependesse da sua *performance*) e, ao mesmo tempo, sufocar, porque, desde quando começa o mês a quando chega o momento de receber o salário, passam tantas horas... O problema é o que torna diverso o trabalho. E aqui entre em jogo o conceito de obediência ao qual nos introduz Dom Giussani, porque o trabalho não consiste apenas na deontologia (não perder tempo, ser preciso etc.); obediência é obediência a um Tu, porque através do trabalho Ele está me chamando. É uma parte daquilo que estávamos dizendo, que chega até àquele ponto tão crucial para a nossa vida, para o tempo que dedicamos em cada dia, que é o trabalho. O Senhor está me chamando, de forma que o ponto é viver a realidade e as circunstâncias, e portanto o trabalho, como um diálogo, como um relacionamento. Obedecer não é simplesmente uma coerência, mas é aquilo que torna diverso o trabalho. Como dizíamos há pouco: que a pessoa possa ser constantemente salva do próprio nada.

Colocação: *Eu fiquei muito tocada com a frase com a qual se encerra a palestra do Dom Giussani.*

Carrón: Perfeito. Com isto terminamos o percurso: a frase com a qual se encerra a palestra do Dom Giussani.

Colocação: *“A luta com o niilismo, contra o niilismo, é esta comoção vivida” (p. 88). É isso: fiquei muito impressionada porque escutei isto como um juízo formidável sobre o que eu vivo, sobre a minha experiência pessoal cotidiana, sobre os acontecimentos históricos que atravessamos. Parece-me que esta frase diga que a comoção por Cristo precisa da realidade, isto é, precisa ser verificada, vivida, para não se tornar um sentimento. Para não colaborar com o niilismo não basta se empenhar em fazer tantas coisas. O instante da comoção por Jesus não é sentimental quando se torna densidade de cada instante. Por exemplo, o seu artigo de Natal no Corriere della Sera, para mim, foi um exemplo desta comoção vivida.*

Carrón: Por quê?

Colocação: *Porque você se comovia com os fatos da realidade que eu também vejo, mas que não provocam em mim o que provocam em você. De fato, me marcou não apenas como conteúdo, mas sobretudo pelo método testemunhado nele. Tocou-me que, se alguém é mendicante desta comoção, isto é, se alguém se dá conta de que o problema da vida é esta comoção vivida, então começa a se dar conta de quem, cada dia, a testemunha. De outra forma, não o verá e estará cheio de pensamentos sobre Cristo, mas não se dará conta daquele que, ao seu lado, a dá a você. E os testemunhos, às vezes, são os mais improváveis, como por exemplo era evidente no seu artigo de Natal. Cito algumas coisas deste período. A mudança impossível de um aluno meu com uma grave dificuldade e cuja redação impressionante foi publicada num jornal de circulação nacional. Ou então o maravilhamento de tantos novos colegas que vieram ao feriado de estudo, onde os últimos chegados tinham um maravilhamento quanto à nossa companhia que nós não tínhamos; e, portanto, nós tivemos apenas o problema de seguir aqueles que o tinham. Ou então, o empresário (que não é católico praticante) que está trabalhando na Terra Santa e me diz: “Mas, aqui, eu fiz uma descoberta do outro mundo! Eu não*

entendo como ninguém o diga, mas o cristianismo é um fato, não é uma religião, e eu, com o meu trabalho, coloco as mãos dentro deste fato”. Tocou-me muito também um diálogo recente com alguns amigos, no qual se discutiu muito e animadamente também os acontecimentos políticos destes últimos tempos. Eu, a um certo ponto, tive que dizer: “Mas, amigos, o que isso sobre o que estamos falando tem que ver com a última frase que Dom Giussani disse em Reconhecer Cristo? Parece-me que, às vezes, nós substituímos esta comoção, que possivelmente não vivemos mais há anos, por aquilo que fazemos. E a experiência do Movimento se torna algo a ser feito e não Alguém a amar. De forma que tantas batalhas podem ser feitas, pode-se ou não se pode ir ao Family Day, mas sem esta comoção vivida nós alimentaremos apenas aquilo que pretendemos combater.

Carrón: Como dizíamos no artigo de Natal, a último que chega nos dá outra vez aquilo que nós não vemos mais na realidade ou não vemos mais na Igreja, no lugar onde a presença de Cristo historicamente permanecer. Cristo nos pega não apenas no primeiro instante do encontro, mas ao longo de todo o caminho, de forma que, quando o ceticismo começa a emergir, a única coisa que temos que fazer é seguir aqueles que são tomados pelo maravilhamento por aquilo que vivem. Por isso, a frase final de Dom Giussani me parece uma síntese do que seja o cristianismo. E nos oferece um critério de juízo não apenas para fazer a Escola de Comunidade, mas para viver o real, para viver os acontecimentos históricos, para responder à pergunta sobre qual é a nossa tarefa no mundo. A luta contra o niilismo é esta comoção vivida, não as coisas que fazemos.

A este propósito, quero terminar com uma carta que um amigo me mandou e que, infelizmente, não podia estar aqui para falar pessoalmente: “Caro padre Julián, em vista da chegada ao Parlamento do projeto de lei Cirinnà, um novo encontro em defesa da família foi proposto para o dia 30 de janeiro, em Roma. E, entre nós, pontual como um relógio suíço, desencadeou-se a corrida por um posicionamento a favor ou contra o *Family Day*, posicionamento que tende unicamente a convencer a parte opositora acerca da bondade da posição assumida. Quem é a favor, obviamente, o é porque ‘não se pode ficar imóvel e não se pode não testemunhar a própria pertença diante de um Governo que tem a intenção de aprovar propostas de lei que minam os fundamentos da família’. Que é como dizer: aquilo que o Movimento nos diz está certo [aquela comoção vivida está ok], mas até certo ponto, depois é preciso agir. Quem, pelo contrário, é contra a ida às ruas o é – segundo penso, por causa de uma interpretação errada – porque ‘na famosa nota interna relativa à ida às ruas de 20 de junho de 2015, Carrón e o Movimento aconselharam que não serve a nada ir para a rua’. Trata-se, caro padre Julián, de um debate que sinto ser asfixiante e deprimente [se nós o sentimos assim, imaginem o que sentem os outros!], um debate que percebo como uma redução do meu eu que corta rente boa parte da realidade. Perguntei-me: mas, por que é assim tão pouco adequado um debate do gênero? O que sinto faltar é um juízo ‘verdadeiro’ sobre mim e sobre a realidade”. Por que o nosso amigo – me perguntava, lendo este e-mail – sente o debate em curso como asfixiante e deprimente? Porque falta um juízo verdadeiro sobre si e sobre a realidade. Depois daquilo que ouvimos esta noite, se entende que, quando se reduz a realidade, quando não há um relacionamento verdadeiro com a realidade, a pessoa não é “tomada”. E este não é apenas um problema dos outros, mas é também nosso. Há uma modalidade de se colocar no real que não nos deixa em paz. Por isso, tentemos nos ajudar a fazer emergir este juízo, para entender verdadeiramente o que estamos fazendo no mundo. Esclareço logo que este projeto de lei tem muitos aspectos críticos, como observaram comentaristas. Os pontos mais problemáticos e negativos são a substancial substituição do matrimônio pelas uniões civis e a introdução da possibilidade da adoção por parte de casais homossexuais. Dito isto, é preciso se perguntar de onde pode nascer mesmo este projeto de lei. Nasce da vontade de responder a uma necessidade que algumas pessoas expressam, um desejo humano que podemos surpreender nas mais variadas tentativas – às vezes erradas e confusas, mas não, por isso, menos dramáticas, como dissemos em outras ocasiões – para alcançar aquela plenitude que nenhum ser humano pode deixar de desejar e que se esconde, às vezes, sob vestes contraditórias. O que é tematizado é sempre o homem e a sua realização. Por trás de cada tentativa humana há um grito por realização. O que isto nos diz? Como afirmava o então cardeal Ratzinger, “trata-se do homem, do mundo. E ambos só podem ser salvos se Deus for apresentado de modo convincente. Ninguém pode pretender saber completamente através de que caminho poderá ser resolvido este drama. Não é possível, porque, numa sociedade livre, a verdade, para se afirmar, não pode e não deve buscar outro meio além da força da convicção, uma convicção, além do mais, que, na

multiplicidade de impressões e de exigências que perseguem o homem, se forma apenas dificilmente” (J. Ratzinger, *Fé, Verdade, Tolerância: o cristianismo e as grandes religiões do mundo*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2007). Nós vivemos esta dificuldade num mundo que tem por dentro estes paradoxos, estas contradições; e a dificuldade que vivemos é em como encontrar, através da força da convicção, uma modalidade para vencer estas variadas formas de redução do desejo nosso e do outro. Por isso, a primeira coisa a ter é – como me escreve outra pessoa – “a atenção pelas pessoas que reclamam estes direitos [à qual nos convida constantemente o Papa], quem são? O que querem? O que lhes move? O que buscam, pedem, gritam? O que podemos responder a eles? Olhamos para eles, os tocamos, tocamos as suas feridas”, antes de responder. Com estas pessoas e com as suas feridas não devemos nos confrontar apenas nós, mas também todos aqueles que esperam que a ordem jurídica resolva os dramas humanos que vivem, responda a todo o desejo humano, inclusive o deles. Podemos ler em *Passos* o caso do amigo homossexual que confia a amigos encontrados por acaso como se ocupava de moda, tinha um belo trabalho, um companheiro, mas não era feliz, mas inquieto: “É como se me faltasse algo, é como se vivesse a minha vida a partir de uma reação, de uma defesa. Isso me torna inquieto” (“Vocês são especiais de um modo normal”, *Passos*, fev/2016). Como dissemos em outras ocasiões, o ponto crítico da cultura contemporânea está justamente na miopia com a qual olha para as necessidades profundas. Porque a necessidade humana dessas pessoas, seja lá qual for a modalidade de resposta que escolham, continua a estar presente nas suas vidas, e quando eles têm um momento de familiaridade com alguém – como aconteceu a este novo amigo nosso, que, no meio tempo, morreu com um tumor –, confidenciam coisas e dizem até que ponto não são felizes. Devemos entender que os assim chamados novos direitos são tentativas de resposta a estas situações. Mas, o homem real, como vemos, não pode ser reduzido através das formas ou das leis que possamos fazer. É esta a razão do seu sofrimento: que o drama que vivem permanece tal e qual. Aqui está um ponto crucial para nós cristãos: não temos algo a dizer a estas pessoas? A solução dos problemas, nos disse Dom Giussani, que a vida coloca a cada dia, “não acontece diretamente enfrentando os problemas, mas aprofundando a natureza do sujeito que os enfrenta” (A. Savorana, *Vita di don Giussani*. Milão: BUR, 2014, p. 489). Então, o que responde à necessidade de uma geração do sujeito humano? A carta continua: “Sinto uma discrepância entre o desejo de infinito e a redução da realidade que, pontualmente, operamos quanto aos fatos importantes da vida. Se é verdade que Jesus veio para nos redimir do pecado e para curar os doentes, como a hemorroíssa, eu, que fui ‘tocado’ exatamente como aquela mulher de Cafarnaum, que contribuição posso dar para que homens e mulheres que não foram ‘tocos’ possam também eles ser ‘tocos’ por Aquele que foi mandado ao mundo para nos tornar homens e mulheres felizes? Ou, uma vez que vou para a rua, a pergunta permanece tal e qual quando volto para casa? O desafio que temos diante de nós é um desafio histórico”. O que podemos oferecer, nós, cristãos, a estas pessoas, como contribuição original, única, verdadeiramente à altura do problema? Cada um de nós deve se perguntar isso, porque isso não é resolvido de algum outro modo diferente do verificá-lo em nós. É decisivo que nos perguntemos isso, para dar uma resposta concreta aos acontecimentos que, agora, nos preocupam: união civil (e consequente manifestação do dia 30 de janeiro). A única resposta é o encontro que liberta o homem da redução do desejo, porque todas essas tentativas têm origem num desejo reduzido em nós ou nos outros. É interessante ver a reação desse amigo homossexual dentro do relacionamento de amizade oferecido por seus novos amigos: “Seria bonito viver o trabalho e os relacionamentos como os vivem você e sua mulher. [Vocês têm uma alegria diferente, que eu não tenho] Vocês são especiais de um modo normal. [...] É bonito falar com vocês’. [...] E depois me pergunta: ‘Como vocês fazem para viver assim?’” (“Vocês são especiais...”, *Passos*, fev/2016). Esta é a documentação daquilo que sempre nos disse Dom Giussani, ou seja, que em “uma sociedade como essa não se pode criar algo de novo a não ser com a vida: não há estrutura nem organização ou iniciativa que se mantenham. É somente uma vida diversa e nova que pode revolucionar estruturas, iniciativas, relacionamentos, em suma tudo” (O. Grassi [org.], “Movimento, ‘regola’ di libertà”, *CL Litterae communionis*, n. 11/nov 1978, p. 44). É isso que todos esperam de nós, como este amigo. Lembra-nos ainda Dom Giussani: “O que falta não é tanto a repetição verbal ou cultural do anúncio. O homem de hoje espera, talvez inconscientemente, a experiência do encontro com pessoas para as quais o fato de Cristo é realidade tão presente que a sua vida é mudada [e, então, se vence aquele niilismo, aquela redução]. É um

impacto humano que pode sacudir o homem de hoje: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus levantou os olhos e disse: ‘Zaqueu, desce logo, vou à tua casa’” (L. Giussani, *L’avvenimento cristiano*. Milão: BUR, 2003, pp. 23-24). Aqui, nos é dado o método com o qual o cristianismo aconteceu e pode reacontecer sempre. E que importância isso tem para arrancar o homem da redução do desejo onde, depois, sufoca, para que possa começar a respirar de novo? Porque Cristo não é um ornamento da solução, mas a chave da solução! Só Cristo, como acontecimento presente na experiência das pessoas, é capaz de libertar o homem da redução do desejo e de fazer-lhe desejar aquela plenitude para a qual é feito. “Seria bonito viver o trabalho e os relacionamentos como os vivem você e sua mulher”. É a origem dessa “curiosidade desejosa despertada pelo pressentimento do verdadeiro” (L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996, p. 151). “Como vocês fazem para viver assim?” De onde vem tudo isso? Sem uma experiência de libertação desta redução, qualquer resposta chamada “concreta” será sempre insuficiente, para nós e para os outros. Por isso, todos sufocamos. Porque a vitória contra o niilismo é uma comoção vivida. Damos-nos conta da oportunidade única que este acontecimento representa para a nossa maturidade, isto é, para a consciência do que estamos fazendo no mundo e, portanto, do valor do nosso testemunho? Esta é também a nossa contribuição ao bem de todos, como recordou Papa Francisco, em Firenze: “*Recomendo-vos também, de maneira especial, a capacidade de diálogo e de encontro [...] para construir, junto com os outros, a sociedade civil. Nós sabemos que a melhor resposta para os conflitos do ser humano do célebre homo homini lupus de Thomas Hobbes é o ‘Ecce homo’ de Jesus que não recrimina, mas acolhe e, pagando pessoalmente, salva*” (Francisco. *Discurso no encontro com os representantes do V Congresso Nacional da Igreja Italiana*, Firenze, 10 novembro 2015). É daqui que se pode partir para reconstruir, junto com os outros, a sociedade civil, de outra forma tudo fica preso na rede das parcialidades, dos esquemas e das contraposições. Espero que estas sugestões nos permitam julgar também a utilidade da manifestação do próximo dia 30 de janeiro. Visto que se trata de um evento promovido por leigos, e que mesmo a Igreja italiana, dessa vez, não tenha dado nenhuma indicação – respeitando a liberdade dos leigos –, cada um decida, como leigo, o que fazer, verificando na própria experiência a razão última dessa sua decisão.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade vai acontecer na quarta-feira, 17 de fevereiro, às 21h.

Começamos este ano com o trabalho sobre a segunda parte do texto de Dom Giussani *Por que a Igreja* (SP, Cia Ilimitada, 2015). Como vimos esta noite, a partir de todas as provocações que emergiram, a Igreja não apenas prossegue a obra de Cristo, mas continua Ele mesmo, chamando-nos e construindo a nossa vida. Agora, temos uma possibilidade de aprofundar os fatores constitutivos da Igreja assim como nos são repropostos por Dom Giussani. Por isso, trabalharemos a primeira parte do capítulo II, intitulada “Os três fatores constitutivos” (do fenômeno cristão na história), da pág. 117 a 141.

Vimos, já na introdução dos *Exercícios da Fraternidade*, como a Ressurreição era a origem daquele povo novo, como documenta o Pentecostes. Agora, com este olhar, podemos começar a ler toda a densidade daquele povo que somos.

Para aqueles que querem se inscrever na Fraternidade e, depois, vir aos *Exercícios da Fraternidade*, recordo que devem apresentar a demanda até o dia 16 de janeiro.

Como acenamos da última vez, por ocasião do XI aniversário da morte de Dom Giussani, pensamos em disponibilizar para todos o DVD da sua palestra *Reconhecer Cristo*, que vimos nos *Exercícios da Fraternidade* (2015). É uma ocasião preciosa para nos identificarmos com o coração do nosso carisma e oferecer a todos o seu testemunho neste ano Santo da Misericórdia.

O DVD Reconhecer Cristo virá na Tracce fevereiro [e em Passos em mês a ser definido]. Na Itália, no fim de semana de 20/21 de fevereiro faremos uma venda extraordinária em todas as nossas cidades.

Neste ano, o Meeting de Rímimi será de sexta-feira, 19 de agosto a quinta-feira, 25 de agosto.

Veni Sancte Spiritus